

Capítulo 1



Na noite passada eu sonhei com Paul. Ele nunca está longe dos meus pensamentos — não se passa um dia em que ele não esteja comigo —, mas Paul não havia participado dos meus sonhos até agora. É irônico, imagino, que ele tenha me deixado, porque antes de fechar os olhos eu fantasio sobre a sensação de ter seus braços à minha volta. Enquanto pego no sono, finjo que minha cabeça está descansando em seu ombro. Infelizmente, nunca mais terei a oportunidade de estar outra vez com meu marido, pelo menos não nesta vida.

Até a noite passada, se eu sonhava com Paul, os sonhos estavam há muito esquecidos na hora em que eu acordava. Este sonho, contudo, ficou comigo, permanecendo em minha memória e me preenchendo com partes iguais de tristeza e alegria.

Quando soube que Paul fora morto, a dor me consumiu por inteira, e eu não pensei que fosse capaz de seguir com minha vida. Mas esta continua seu caminho, e eu tive que fazer o mesmo, arrastando-me de um dia para outro até descobrir que podia respirar normalmente.



Estou em meu novo lar, agora, a pousada que comprei há menos de um mês na Península Kitsap, em uma aconchegante cidade litorânea chamada Cedar Cove. Decidi batizá-la de Pousada Rose Harbor. “Rose” vem de Paul Rose, meu marido por menos de um ano; o homem que sempre vou amar e por quem vou chorar pelo resto de minha vida. “Harbor” (porto), porque este é o lugar em que joguei minha âncora no momento em que a tempestade da perda me abateu.

Isso parece tão melodramático, mas não há outro jeito de dizê-lo. Embora eu esteja viva, funcionando normalmente, às vezes me sinto meio morta. Paul odiaria me ouvir dizer isso, mas é verdade. Eu morri com Paul, abril passado, em uma encosta de montanha num país a meio mundo de distância, enquanto ele lutava pela segurança de nossa nação.

A vida que eu conhecia acabou no tempo de uma batida de coração. O futuro com o qual eu sonhava foi roubado de mim.

Os conselhos dados a quem está de luto diziam que eu devia esperar um ano antes de tomar grandes decisões. Minhas amigas me disseram que eu me arrependeria de largar o emprego, sair de minha casa em Seattle e me mudar para uma cidade estranha.

O que elas não compreendiam era que eu não encontrava conforto na familiaridade, nem alegria na rotina. Mas como respeito a opinião delas, eu me dei seis meses. Nesse tempo nada me ajudou, nada mudou. Mais e mais eu senti a necessidade de ir embora, de começar uma vida nova, certa de que somente assim encontraria paz, e a dor horrenda dentro de mim diminuiria.

Comecei minha busca por uma vida nova na internet, procurando em várias regiões dos Estados Unidos. A surpresa foi encontrar exatamente o que eu procurava no meu próprio quintal.

A cidade de Cedar Cove fica do outro lado do Estreito de Puget, oposta a Seattle, e é uma cidade da Marinha, situada bem em frente ao estaleiro de Bremerton. No minuto em que encontrei essa charmosa pousada à venda, meu coração começou a bater em ritmo acelerado.

Eu, proprietária de uma pousada? Não pensara em assumir um negócio, mas instintivamente sabia que precisaria de algo para preencher meu tempo. Como benefício adicional, sempre gostei de receber hóspedes.

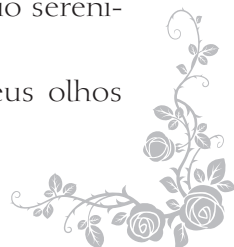
Com varanda à volta toda e a incrível vista da enseada, a casa era arrebatadora. Em outra vida eu conseguiria me imaginar sentada na varanda com Paul, após o jantar, tomando café quente e conversando sobre nosso dia e nossos planos. Com certeza a fotografia colocada na internet fora tirada por um profissional que soubesse mascarar seus defeitos. Nada, aparentemente, poderia ser tão perfeito.

Ou poderia. No momento em que encostei o carro, acompanhada pela corretora, fui envolvida pelo encanto da pousada. Ah, sim, com a brilhante iluminação natural e as grandes janelas com vista para a enseada, aquela pousada já tinha cara de lar. Era o lugar perfeito para começar minha vida nova.

Embora eu deixasse Jody McNeal, a corretora, me mostrar o imóvel, não restava uma única dúvida na minha cabeça. Era meu destino ser a proprietária daquela pousada; era como se ela tivesse ficado todos aqueles meses no mercado esperando por mim. Tinha oito quartos espalhados pelos dois pisos superiores, e no térreo havia uma cozinha, grande e moderna, ao lado de uma espaçosa sala de jantar. Originalmente construída no início do século 19, a casa se debruçava sobre um deslumbrante panorama marinho. Cedar Cove ficava abaixo, disposta ao longo da Rua do Porto, que serpenteava pela cidade com lojinhas dos dois lados da rua. Eu me senti atraída pela cidade antes mesmo de poder explorá-la.

O que mais me chamou a atenção na pousada foi a sensação de paz que experimentei assim que entrei nela. O peso no coração, que era meu companheiro constante, pareceu ficar mais leve. A dor que eu carregava há meses comigo diminuiu. Naquele lugar veio serenidade, uma paz difícil de descrever.

Infelizmente, o contentamento não durou muito; meus olhos





se encheram de lágrimas, deixando-me constrangida, quando terminamos a visita. Paul também teria amado aquela pousada. Mas eu a administraria sozinha. A corretora teve a delicadeza de fingir que não reparara nas emoções que eu lutava para disfarçar.

— Bem, o que você acha? — perguntou Jody, ansiosa, enquanto saíamos pela porta da frente.

Eu não dissera palavra alguma durante toda a visita, nem fizera uma pergunta sequer.

— Eu fico com ela.

Jody se inclinou na minha direção, como se não tivesse escutado direito.

— Desculpe?

— Eu gostaria de apresentar uma proposta. — Eu não hesitei. Àquela altura não tinha dúvida. O preço pedido era mais do que justo e eu estava pronta para seguir adiante.

Jody quase deixou cair a pasta repleta de informações detalhadas sobre a propriedade.

— Não é bom você pensar melhor? — sugeriu ela. — Essa é uma decisão importante, Jo Marie. Não me entenda mal; eu quero muito fazer esta venda; só que nunca vi alguém tomar uma decisão tão importante de forma tão... rápida.

— Vou pensar até amanhã, se você deseja, mas não preciso. Eu soube que este é o lugar assim que o vi.

No momento em que minha família ouviu que eu pretendia deixar meu emprego no Columbia Bank e comprar a pousada, todos tentaram me dissuadir, principalmente meu irmão Todd, o engenheiro. Eu tinha conquistado o cargo de gerente-assistente na agência Denny Way, e ele receava que eu estivesse jogando fora uma carreira promissora. Todd sabia que eu acabaria me tornando gerente. Eu dedicara quase quinze anos ao banco, sempre fora uma boa funcionária e meu futuro na instituição parecia brilhante.

O que as pessoas ao meu redor aparentavam não compreender era que a vida que eu conhecia, do jeito que eu a queria e como a sonhava, tinha acabado. A única forma de eu me realizar era encontrar uma nova vida.

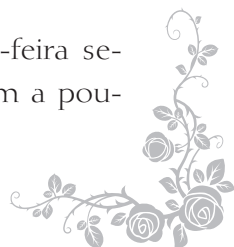
Assinei a proposta pela pousada no dia seguinte e minha determinação não fraquejou nem por um instante. Os Frelinger, proprietários do lugar, aceitaram de bom grado minha proposta, e em questão de semanas — pouco antes dos feriados — estávamos reunidos no cartório para assinar toda a aborrecida, mas necessária, papelada. Eu lhes entreguei um cheque visado e peguei as chaves da pousada. Os Frelinger não tinham aceitado reservas para as últimas semanas de dezembro, pois pretendiam passar esse período com os filhos.

Saindo do cartório, fiz um pequeno desvio para passar na Junta Comercial, onde solicitei a mudança de nome da pousada. Batizei-a de Pousada Rose Harbor.

Voltei para Seattle no dia seguinte e entreguei minha carta de demissão ao Columbia Bank. Passei o feriado de Natal empacotando meu apartamento de Seattle e preparando-me para a mudança através do Estreito de Puget. Embora estivesse me afastando uns poucos quilômetros, era o mesmo que ir para o outro lado do país. Cedar Cove era um mundo totalmente diferente — uma cidade pitoresca na Península Kitsap, distante da vida agitada da cidade grande.

Percebi que meus pais ficaram decepcionados porque não passei todo o feriado com eles no Havaí, uma tradição de nossa família. Mas eu tinha tanto o que fazer para me aprontar para a mudança, incluindo organizar minhas coisas e de Paul, empacotar tudo e vender minha mobília. Precisava me manter ocupada — o que me ajudaria a manter a cabeça sem pensar no primeiro Natal sem Paul.

Mudei-me oficialmente para a nova casa na segunda-feira seguinte ao Ano-Novo. Felizmente os Frelinger me venderam a pou-





sada como uma transferência de proprietários. Assim, tudo de que eu precisava eram algumas cadeiras, uma luminária que pertencera a minha avó e coisas pessoais. Desencaixotar a mudança não demorou muito. Escolhi como meu quarto a suíte do andar principal — que os Frelinger usavam como seu espaço pessoal. A suíte tinha uma lareira e um recanto com janela para a enseada. O aposento era grande o suficiente para acomodar a mobília de um dormitório e um sofá próximo à lareira. Gostei principalmente do papel de parede, coberto de hortênsias brancas e lilases.

Quando a noite desceu sobre a pousada, eu estava exausta. Às oito da noite, enquanto a chuva batia contra as janelas e o vento assobiava por entre as sempre-vivas que cobriam um lado da propriedade, fui para meu quarto no andar principal. O clima tempestuoso tornou ainda mais aconchegante o fogo trêmulo na lareira. Não senti nenhuma estranheza por estar me acomodando em um lugar novo. Senti-me bem-vinda naquela casa desde o momento em que entrei pela porta da frente.

Os lençóis estavam limpos e esticados quando me deitei. Não me lembro de pegar no sono, mas o que logo vem à mente é aquele sonho com Paul, tão vívido e real.

Na terapia do luto aprendi que os sonhos são importantes no processo de cura. O orientador descreveu dois tipos diferentes de sonhos. O primeiro e provavelmente mais comum é de sonhos com nossos amados — memórias que ganham vida.

O segundo tipo é o dos sonhos de visitação, quando o ente querido cruza a separação entre vida e morte para visitar quem deixou para tr s. Aprendemos que esses são, geralmente, sonhos reconfortantes: o falecido vem mostrar aos vivos que está feliz e em paz.

Fazia oito meses que eu recebera a notícia de que Paul morrera em uma queda de helicóptero em Hindu Kush, a cadeia de montanha que se estende entre o centro do Afeganistão e o norte do Paquistão. O helicóptero do exército fora abatido pela Al-Qaeda ou por

um de seus aliados do Talibã; Paul e cinco dos seus camaradas dos Rangers aerotransportados morreram instantaneamente. Por causa do local da queda, foi impossível recuperar seus corpos. A notícia da morte dele já era muito difícil, mas ser impossibilitada de enterrar seu corpo foi ainda mais cruel.

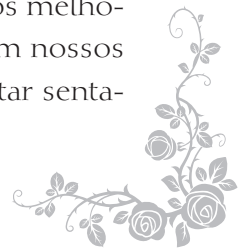
Durante dias após eu receber a notícia mantive no coração a esperança de que Paul tivesse, na verdade, sobrevivido. Eu estava convencida de que, de alguma forma, meu marido encontraria um modo de voltar para mim. Isso era impossível. Fotografias aéreas do local da queda logo confirmaram que ninguém sobrevivera. No final, tudo que realmente importava era que o homem que eu amava e com quem tinha me casado se fora. Ele nunca mais voltaria para mim, e com o passar das semanas e dos meses eu vim a aceitar a notícia.

Demorei muito para me apaixonar. A maioria das minhas amigas se casou na faixa dos vinte anos, e com trinta e poucos já tinham começado suas famílias. Eu fui madrinha seis vezes.

Do meu lado, permaneci solteira até meus trinta e tantos anos. Eu tinha uma vida ocupada e feliz, envolvida tanto pela carreira quanto pela família. Nunca senti a necessidade de me casar apressadamente ou de ouvir minha mãe, que insistia para que eu encontrasse um homem bom e deixasse de ser tão seletiva. Namorei bastante, mas nunca houve alguém que eu sentisse que poderia amar pelo resto de minha vida, até que encontrei Paul Rose.

Como eu demorara trinta e sete anos para encontrar minha metade, não imaginava que o amor pudesse me encontrar duas vezes. Francamente, eu nem sabia se queria me apaixonar novamente. Paul Rose era tudo que eu esperava encontrar em um marido... e muito mais.

Nós nos conhecemos em um jogo de futebol do Seahawks. O banco me dera ingressos e eu levava comigo um dos nossos melhores clientes e sua esposa. Enquanto nos acomodávamos em nossos lugares, reparei em dois homens com corte de cabelo militar senta-





dos ao meu lado. Durante o jogo, Paul apresentou-se e também seu amigo de exército, e puxou conversa. Ele me disse que estava estacionado em Fort Lewis. Como eu, gostava de futebol. Meus pais eram torcedores entusiasmados do Seahawks, e eu crescera em Spokane assistindo aos jogos na televisão após ir à igreja aos domingos com eles e meu irmão mais novo, Todd.

Paul me convidou para tomar cerveja enquanto saíamos do jogo naquela tarde, e nos vimos praticamente todos os dias depois disso. Descobrimos que compartilhávamos muito mais do que o amor pelo futebol: tínhamos as mesmas inclinações políticas, líamos muitos dos mesmos escritores e adorávamos comida italiana. Também tínhamos em comum o vício em Sudoku. Nós podíamos conversar durante horas, algo que fazíamos com frequência. Dois meses após nos conhecermos ele foi enviado para a Alemanha, mas a separação não conseguiu deter o desenvolvimento da nossa relação. Não se passava um dia em que não mantínhamos contato de um jeito ou de outro — e-mail, SMS, Skype, Twitter e todos os meios de que dispúnhamos para nos falar e ver. Sim, nós até mesmo escrevíamos cartas de verdade, com papel e caneta. Eu ouvira pessoas afirmarem que sentiram “amor à primeira vista”, do que zombei. Não sei se posso dizer que foi isso que aconteceu com Paul e eu, mas foi algo parecido. Uma semana após tê-lo conhecido eu já sabia que ele era o homem com quem me casaria. Paul disse que sentiu o mesmo a meu respeito, embora afirmasse que bastou um encontro.

Preciso admitir isto: o amor me mudou. Eu estava mais feliz do que em qualquer outro momento de que conseguia me lembrar. E todos notaram.

No Dia de Ação de Graças, há um ano, Paul pegou um avião para Seattle e me pediu para ser sua esposa. Ele até mesmo conversou com meus pais antes. Estávamos loucamente apaixonados. Eu tinha esperado muito tempo, e quando lhe entreguei meu coração foi para sempre.

Logo depois de nosso casamento, em janeiro, Paul recebeu ordens de ir para o Afeganistão. O helicóptero foi abatido em 27 de abril e meu mundo desabou.

Eu nunca sentira esse tipo de dor e receio ter lidado mal com a situação. Meus pais e irmão ficaram preocupados comigo. Foi minha mãe que sugeriu a terapia do luto. Como eu estava desesperada para encontrar uma forma de amenizar minha dor, concordei. No fim, gostei de ter participado das sessões. Elas me ajudaram a entender meus sonhos, principalmente o que tive na primeira noite na pousada.

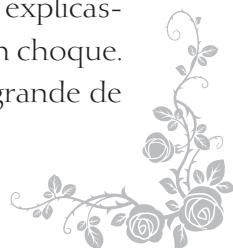
Ao contrário do que me disseram sobre os sonhos de visitação, Paul nada fez para me garantir que estava em paz. Ao contrário, ele apareceu diante de mim com todo o seu equipamento militar. Estava envolto por uma luz tão brilhante que era difícil olhar para ele. Mesmo assim, não consegui desviar o olhar.

Eu quis correr até ele, mas tive medo de que, se me mexesse, ele desapareceria. Eu não aguentaria perd -lo novamente, mesmo que fosse apenas uma aparição.

Ele não falou logo. Nem eu, insegura sobre o que podia ou devia falar. Lembro que a emoção encheu meus olhos de lágrimas e cobri minha boca com medo de chorar alto.

Então ele se aproximou e me pegou em seus braços, estreitando-me e passando a mão pela minha nuca, para me confortar. Eu me agarrei a ele, para que não fosse embora. Ele sussurrou e repetiu palavras delicadas de amor.

Quando o não na minha garganta diminuiu, ergui a cabeça e nossos olhares se encontraram. Senti como se ele estivesse vivo e nós precisássemos pôr o assunto em dia após uma longa ausência. Havia tanto que eu queria lhe contar, tanto que eu queria que ele explicasse. O fato de ele ter uma apólice de seguro tão valiosa foi um choque. Primeiro eu me senti culpada por aceitar uma quantia tão grande de





dinheiro. Esse dinheiro não deveria ir para a família dele? Mas sua mãe tinha morrido e o pai se casara novamente e mudara para a Austrália. Eles nunca foram muito próximos. O advogado me disse que Paul fora claro em suas orientações.

No meu sonho eu queria dizer a Paul que usara o dinheiro para comprar a pousada e que a batizara com seu nome. Uma das primeiras melhorias que eu queria fazer era um jardim com roseiras, um banco e um caramanchão. Mas no sonho eu não disse nada disso, porque parecia que ele já sabia.

Ele afastou o cabelo da minha testa, onde me beijou suavemente.

“Você fez uma boa escolha”, sussurrou ele, os olhos calorosos de amor. “Com o tempo você reencontrará alegria.”

Alegria? Eu quis discutir com ele. Aquilo não parecia provável, nem mesmo possível. Uma pessoa não se cura daquele tipo de dor. Eu me lembro de como meus familiares e amigos se esforçavam para encontrar as palavras certas para me confortar. Mas não existem palavras... simplesmente não existem.

Ainda assim, não discuti com ele. Eu queria que o sonho durasse e temia que se o questionasse ele sumiria, e eu queria que Paul ficasse comigo. Uma sensação de paz me envolvia, e meu coração, que carregava um peso imenso, pareceu um pouco mais leve.

“Não sei se consigo viver sem você”, disse eu, o que era verdade.

“Você consegue e viverá. Na verdade, sua vida será longa e plena”, insistiu Paul. Ele parecia o oficial que fora em vida, dando ordens que não deviam ser questionadas.

“Você sentirá alegria novamente”, repetiu ele, “e boa parte dela virá da Pousada Rose Harbor.”

Franzi a testa. Sabia que estava sonhando, mas o sonho era tão vívido que eu queria acreditar que aquilo estava realmente acontecendo.

“Mas...” Minha cabeça estava cheia de perguntas.

“A pousada é meu presente para você”, continuou Paul. “Não du-

vide, meu amor. Deus irá lhe mostrar.” Em seguida ele desapareceu.

Eu chorei alto, implorando para ele voltar, e meu próprio choro me acordou. Minhas lágrimas eram reais; eu sentia a umidade no rosto e na franha.

Depois que acordei fiquei um longo tempo sentada, no escuro, querendo me apegar à sensação da presença do meu marido. Mas ela foi ficando mais fraca e acabei pegando no sono, quase contra minha vontade.

Na manhã seguinte, escorreguei da cama e me arrastei descalça pelo chão de madeira encerada do corredor até o escritorzinho ao lado da cozinha. Acendi a luminária da escrivaninha e folheei o livro de reservas que os Frelinger tinham me dado. Analisei os dois hóspedes marcados para chegar naquela semana.

Joshua Weaver fizera sua reserva na semana anterior a eu assumir a pousada. Os antigos proprietários falaram nisso no momento em que assinávamos os papéis.

O segundo nome na lista era o de Abby Kincaid.

Dois hóspedes.

Paul dissera que a pousada era um presente dele para mim. Eu faria o meu melhor para oferecer conforto aos dois hóspedes; talvez, ao me entregar ao trabalho, eu pudesse encontrar a alegria que Paul me prometera. E, com o tempo, talvez fosse possível que eu reencontrasse uma forma de voltar à vida.

